ANNO 4.º — Sexta-feira, 10 de Março de 1911 — NUMERO 150

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL

ASSIGNATURAS (pagamento adiantado)
Anno (Portugal e colonias) . . . . . . 1$200 réis
Semestre . . . . 600 réis
Brazil (anno) moeda forte . . . . . . 2$500 réis
Avulso . . . . 20 réis
REDACÇÃO E ADMINISTRACÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR e editor — ARNALDO RIBEIRO
—(*)—
Propriedade da Empreza do DEMOCRATA
Officina de composição, Rua Direita—Impresso na typographia de José da Silva, Largo do Espirito Santo

ANNUNCIOS
Por linha. . . . . 40 réis
Communicados . . . . 20 réis
Annuncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Para deante!

Indiscutivelmente a reacção joga a sua ultima cartada.

A reacção que se identificou com todos os elementos adversos ás instituições; que aproveitou tudo e todos que com ella quizessem pactuar contra o existente; que se não péja nem cae de vergonha declarando preferir a perda da independencia patria ao triumpho do novo Ideal; que levanta no Brazil contra o seu paiz os proprios filhos d'elle, com affirmações falsissimas de factos não menos falsos e que no ultimo arranco leva pela pressão e pela violencia essa legião de padres, alguns muito dignos e merecidamente muito queridos dos seus parochianos, a desrespeitarem as ordens do poder civil e a levantarem o pregão de guerra contra elle e contra todos.

Desilludida dia a dia, não vendo a lucta fratricida que tanto almejava, entre os partidarios da velha monarchia e do novo regimen—aquella terrivel guerra civil tantas vezes annunciada e prevista; —desfeita como bola de sabão a decantada intervenção estrangeira, espantalho aterrador que se exhibia todos os dias, apezar da Republica lhe abrir os braços e pedir paz, tranquillidade e harmonia entre todos os filhos d'este abençoado torrão, na sua primeira hypocrita transigencia, ella fingiu acceitar o convite e identificar-se com a proclamação dos principios existentes.

Não lhe calou, porém, no animo mais longo disfarce e os seus servidores denunciamse como falsos adherentes, do que entre nós houve o mais vivo e palpitante exemplo.

A reacção desmascarava-se em toda a parte onde ella sob todos os aspectos tenha tentado estrangular a Republica.

Enxutados e reconhecidos, affastados do contacto dos verdadeiros republicanos, concertam então e accordam na ultima tentativa a empregar, tentativa que foi demorada e calculadamente estudada sob todas as suas phases e consequencias, com os bafejos illucidativos de Roma e os retoques *divinamente* inspirados do Vaticano.

Escreveu-se a famosa pastoral e o pregão de guerra foi erguido em muita parte, á mesma hora e no mesmo dia.

Até em Roma se repercurtiu; a imprensa reaccionaria publicava esse documento que era uma vil affronta aos poderes constituidos, aos poderes que significam a vontade genuina e soberana do povo portuguez!

Mais uma vez se enganára a reacção.

Os proprios seus servidores por dever do officio—os padres—esses foram os primeiros a apresentar as provas da violencia de que eram victimas, violencia que partia dos seus prelados, apresentando á auctoridade as intimações indiscutiveis que lhes eram feitas, impondo-lhe a leitura de tal documento.

E quando ella esperava a revolta do povo em defeza do seu parocho *perseguido e ultrajado* pelo poder civil, esse povo olha indifferente e acceita os factos como consequencia inevitavel para aquelles que não respeitam a lei.

Foi dura mas proveitosa a lição. O desengano foi realmente esmagador.

N'esta conjunctura ou o governo transigia e suicidava-se ou reagia, vencendo.

Com toda a satisfação intima e consoladora de bons patriotas e republicanos, registamos com immensa satisfação, as energicas e decididas providencias que o governo da Republica acaba de tomar desde as responsabilidades pedidas ao mais humilde dos parochos que prevaricasse até ao bispo do Porto, o reaccionario prelado que se arvorou em chefe da guerrilha com que pretendeu anniquillar o governo e perturbar a paz d'este paiz, tão nobre e alevantado, grande e incomparavel na hora do seu triumpho, no momento da sua gloria.

Não é assim que se responde, sr. bispo do Porto, á tregua, ao grito de paz que de toda a parte se ergue a bem da Patria e a bem d'este povo.

E' possivel que ao desengano succeda o desalento. O governo e o povo, os milhares de voluntarios estão d'ouvido á escuta e promptos *para tudo*, á primeira voz.

A imprensa, onde directamente se reflecte a opinião dos homens que constituem o governo, é unisona em affirmar a inexoravel resolução da defeza, sem treguas, da Republica, que representa infindos sacrificios de vidas e de fazendas e a promessa segura de dias felizes para este querido torrão, tanta vez sacudido por dolorosos estremeções. E o seu procedimento com o bispo do Porto, confirma em absoluto quanto dizemos.

A transigencia sería a morte. E antes da consumação d'essa medida que o paiz inteiro applaudiu, facil era de prevel-a pelas proprias palavras d'um dos ministros, palavras que aqui registamos com muito prazer:

Não sei o juizo que esses homens, que fraudulamente se intitulam portuguezes, fazem de quem preside aos destinos da ordem publica em Portugal, na qualidade de ministro do Interior.

Talvez o julguem conciliador e não se enganem. Talvez o supponham tolerante e não se illudem. Mas se o consideram complacente com crimes de traição á Patria, equivocam-se lamentavelmente.

Para delictos d'essa ordem não ha nem complacencia, nem tolerancia, nem espirito de conciliação possiveis. Para taes attentados só ha o castigo duro e forte, que não permitta a repetição do acto e desarme, pelo exemplo salutar, os imitadores provaveis de quem prevaricou em primeiro logar.

. . . .

Estão calculadas as suas forças, é conhecida a sua organisação, desvendou-se o seu plano. São poucos mas estão unidos.

Mas mais una e indivisivel do que elles é qualquer coisa superior ao governo, ao partido republicano, aos acontecimentos e aos homens:—é o espirito patriotico que hoje anima a nação humilhada d'outros tempos. Pois é em nome d'esse principio, que, no momento opportuno, não desfallecerá o pulso de quem houver de dar o golpe no pescoço do corvo que, mal tendo força para grasnar, ensaia, todavia, as azas para vir dar a sua bicada traiçoeira.

Experimentem e verão quem se engana.

. . . .

Pois a evidencia dos factos dizem que experimentaram e se enganaram.

Não errou a previsão o ministro, o grande caracter que se chama Antonio José d'Almeida.

Não errou e agora para a frente, sempre para a frente, até que estes farrapos de negras nuvens não empanem, nem ao de leve, o brilho faiscante d'este sol bemdito que aquece esta patria, a patria querida de todos nós!

Para a frente, sempre para a frente!

Coisas & tal

Syndicancias

Prosegue a da camara e está em via de iniciar-se a que foi pedida pelos republicanos ás Obras Publicas, onde consta haver muito que destrinçar e pôr no são.

A titulo de curiosidade apenas e para que se vá avaliando a falta de escrupulo que presidia ás administrações monarchicas, basta notar que na primeira das repartições syndicadas existem documentos por onde se conclue que a vaccina, ou parte d'ella, era paga mediante recibo—ora vejam se advinham a quem—não advinham? pois então lá vai:—aos fogueteiros da cidade!!!...

Os fogueteiros de Aveiro a fornecerem vaccina á camara!!!

E ainda mais havemos de vêr. Mais, mas muito mais...

Fialho d'Almeida

Morreu o auctor dos *Gatos*, publicação mensal de inquerito á vida portugueza, muito conhecida e assaz apreciada.

Nem por ser intelligente deixou de se perverter e inutilisar, apostatando dos principios pelos quaes havia combatido, para se juntar a João Franco, ás ordens de quem até ainda ha pouco manobrava escrevendo nos jornaes brazileiros as maiores infamias a respeito da Republica Portugueza. Repudiado pelos amigos, Fialho d'Almeida, pode-se dizer que morre esquecido, pois quasi ninguem dá pela sua falta.

Antes assim.

Ir buscar lã...

O sr. Antonio Emilio, conhecido tambem pelo irmão *Hoche*, votou epistola no *Janeiro* a defender-se das accusações da *Lucta*, mas teve tão pouca sorte que em vez de justificar-se, ainda mais se comprometteu pelo que lhe antevemos uma proxima cambalhota.

E' a sina dos comediantes a que o ex-juiz de instrucção não pode fugir.

Outro

Foi transferido para o Porto, o sr. Nunes da Silva, director da Alfandega d'esta cidade, a quem o estabelecimento do novo regimen contrariou algo, segundo dizem, e a sua conduta não nega.

Mais um para o *remember* com que o *Mijareta* se propõe alcançar o reino do ceu...

Aquelle bom coração...

Agradecidos

Muitas foram as manifestações de apreço e estima com que nos distinguiram collegas e amigos por occasião do anniversario de *O Democrata*. Agradecemol-as penhorados, como muito grato estamos aos que na ardua tarefa que um dia encetámos, nos teem por qualquer forma auxiliado.

Dr. Antonio José d'Almeida

E' esperado na proxima semana em Aveiro, caso não surja qualquer motivo imprevisto que impessa a sua partida, o illustre ministro da pasta do Interior, que do melhor grado aquiesceu ao convite feito pelas commissões locaes e que o nobre governador civil, dr. Rodrigo Rodrigues, corroburou a quando da sua recente estada na capital.

O sr. dr. Antonio José de Almeida demorar-se-ha apenas um dia, tempo sufficiente para se desobrigar do compromisso que em tempo tomou com os republicanos de esta cidade, onde realisará uma conferencia publica, talvez no Theatro Aveirense, se outro recinto maior se não conseguir.

A vinda de s. ex.ª se já era para nós motivo de jubilo, n'esta occasião mais encendrado se torna porque a reputamos d'um grande alcance politico, da maxima opportunidade e de toda a conveniencia, principalmente para o fim que temos em vista: amachucar a calumnia, desmascarando os calumniadores que do seu nome se serviam para fomentar a intriga nas nossas fileiras pela qual suppunham poder elevar-se no conceito publico.

Por noticias que já temos d'alguns concelhos do districto onde a boa nova chegou, sabemos prepararem-se muitos correligionarios para aqui o virem cumprimentar e assistir ás festas que, porventura, em sua honra, venham a fazer-se.

Conspiração

A tempo foi descoberto, no Brazil, um trama urdido contra a Republica Portugueza, com ramificações em diversos pontos do estrangeiro e no qual estão compremettidos varios personagens, figuras de destaque da extincta monarchia, que se preparavam para estabelecer a desordem no paiz, crear dificuldades ao governo provisorio e consequentemente compremetter a integridade da Patria.

O procedimento a um tempo infame e perverso d'essa gente não merece que com ella se tenha mais contemplações. Convença-se o governo de que é preciso energia, muita energia nas medidas a adoptar para reprimir qualquer tentativa dos desordeiros, como ao partido republicano compete estar a postos e não desarmar emquanto presentir arruidos que sejam o pronuncio de qualquer attentado contra o socêgo do paiz e as instituições que o regem.

Republicanos, a postos! Hoje como hontem, pela Patria e pela Republica!

Centro Escolar Republicano de Aveiro

Devendo o illustre governador civil d'este districto, visitar o Centro Escolar Republicano *no proximo dia 15 pelas 8 horas da noite, a Direcção de este Centro tem a honra de convidar os seus associados e as commissões municipal e parochiaes a assistirem á entrega, ao illustre magistrado, do diploma de socio honorario que lhe vae ser conferido.*

O Presidente da Direcção,
Capitão Viegas.

Acção governativa

Por instancias do sr. governador civil junto do governo, foi já concedido á camara d'Aveiro para n'elle ser estabelecido o projectado muzeu, o antigo edificio em que se achava installado o convento de Jesus e ao qual ainda podem e devem ser adaptadas algumas repartições dependentes do municipio, o que lhe trará, além d'uma grande economia, a vantagem de boas installações e relativo conforto para aquelles que n'ellas fazem serviço.

O sr. dr. Rodrigo Rodrigues empenhou-se ainda, a quando da sua estada em Lisboa, pela rectificação da margem do rio Vouga, perto de Eixo, attendendo aos enormes prejuizos causados nos campos em virtude do pejamento de areias, arrastadas pela corrente, ao que o governo prometteu dar deferimento, dentro de curto praso, sem detrimento d'outros serviços não menos importantes solicitados tambem por s. ex.ª que, como se vê, não descura um só momento das necessidades do districto que superiormente dirige, antes tem o maximo desejo de lhe ser util e trabalhar pelo seu engrandecimento o que nos leva a tecer-lhe os nossos louvores fazendo votos por que a sua administração seja perduravel, duradoura.

Pelos concelhos do districto

O sr. governador civil inicia as suas visitas officiaes — Em Ilhavo — Imponente recepção — Abertura do «Centro Escolar Republicano» — Flores, festas e hymnos.

Tarde primaveril, posto que algum tanto ventosa, o que aliás é costume na região durante o mez que atravessamos, a de domingo ultimo, dia em que o sr. governador civil iniciou, officialmente, as suas visitas ás sédes dos concelhos, começando por Ilhavo, terra de vasta população e mulheres lindas, onde foi recebido com a maior gentileza e galhardia.

Eram perto de tres horas da tarde quando o automovel que conduzia o sr. dr. Rodrigo Rodrigues e que amavelmente foi posto á disposição de s. ex.ª pelo seu proprietario, sr. Manuel Pereira da Silva, de Angeja, chegou ao limite do concelho, perto das Ribas, onde aguardavam o illustre magistrado, além do respectivo administrador, nosso amigo, dr. Samuel Maia, o presidente e demais vereadores da camara, membros das commissões politicas locaes, direcção do Centro e muitos outros correligionarios que logo ali saudaram o digno representante do governo provisorio da Republica com vivas e palmas, manifestações de que compartilharam os nossos correligionarios d'Aveiro, que o acompanhavam, srs. dr. Mello Freitas, tenente Costa Cabral, Alberto Souto e dr. Marques da Costa, que por sua vez ergueram vivas aos republicanos d'Ilhavo, á camara municipal, etc.

Feitos assim os primeiros cumprimentos, todos os nossos correligionarios tomaram logar nos trens e bicycletas que os haviam conduzido e que, acompanhando o automovel, se dirigiram á villa, no meio das acclamações que constantemente eram soltadas e do estalejar dos foguetes que de espaço a espaço subiam ao ar lançados por gente do campo, que de chapeu na mão saudava egualmente, á beira da estrada, o sr. governador civil e as instituições que representa. Ao passar o cortejo pelo Corgo Commum onde se acha installada a redacção d'*Os Successos*, o sr. Marques Villar, seu redactor e proprietario, convida o sr. governador civil a entrar na sua residencia, bem como os que o acompanhavam, sendo-lhes servido um *copo d'agua*, brindando o sr. Marques Villar o illustre magistrado ao que este agradeceu devéras penhorado pela gentileza do sr. Villar.

O sr. governador civil visitou ainda, n'este logar, a escola que ha pouco ali foi creada sendo saudado pelos alumnos, que sobre elle atiraram flôres, e muito povo, que se juntou com interesse de conhecer o sr. dr. Rodrigo Rodrigues a quem foi confiado o governo da Republica em Aveiro. Finda a visita, novamente se organisou e poz em marcha o cortejo. Ao chegar porém, á entrada de Ilhavo era aguardado por grande quantidade de povo e a musica nova, subindo por essa occasião de ponto as acclamações ao magistrado superior do districto, á Republica, á Patria, ao governo provisorio, emquanto os accordes da *Portugueza* se perdiam no espaço e das janellas proximas eram atiradas flôres sobre o dr. Rodrigo Rodrigues que visivelmente commovido, agradecia tanta prova de carinho e de affecto que o cercavam e confundiam.

O sr. governador civil atravessou depois, a pé, a villa, até á casa da camara seguido da multidão, sendo em todo o percurso victoriadissimo, tanto das janellas dos predios d'onde continuavam a atirar-lhe flôres e d'onde pendiam ricas colgaduras de variadas côres, como nas ruas por onde passava, completamente apinhadas de povo, o que nos dava a impressão dos grandes acontecimentos se bem que não constituisse outra coisa a presença do enviado da Republica na importante povoação, terra maritima das mais tradiccionaes e onde a semente

democratica mais ou menos fructificou devido aos esforços e propaganda do dr. Samuel Maia, espirito esclarecido, homem de superior talento e convicções arreigadas que faz honra á terra e forma com outros filhos illustres a *élite* das antigas e modernas gerações.

Na camara municipal foi o sr. governador civil comprimentado por toda a vereação, dando-lhe as boas vindas e congratulando-se com a sua presença n'aquella sala, o presidente da Commissão Municipal Administrativa, sr. Eduardo Craveiro a quem o sr. dr. Rodrigo Rodrigues respondeu n'um substancioso discurso em que fez vêr aos ilhavenses os propositos da Republica sobre administração, as suas vantagens sobre o velho regimen e a linha de conducta que tenciona seguir como seu delegado no districto, terminando por agradecer a todos o modo como o receberam, as manifestações de que o tornaram alvo, todas as attenções, emfim, de que o crecaram e que jámais poderá esquecer, que sempre lhe hão-de lembrar. Foi muito applaudido.

Em seguida o sr. governador civil dirigiu-se ao *Centro Escolar Republicano*, cuja inauguração teve logar á noite, sendo-lhe lançadas de quasi todas as habitações da rua Direita, onde tem a sua séde, extraordinaria quantidade de flôres. Acompanhou-o a musica nova tocando a *Portugueza* e muito povo, que constantemente o victoriava.

D'ali e depois de breves cumprimentos da direcção, partiu s. ex.ª no automovel a visitar a fabrica de porcellana da Vista-Alegre e a carreira de tiro da Gafanha regressando a casa do dr. Samuel Maia pelas 6 horas da tarde, hora a que principiou o jantar offerecido por aquelle nosso amigo ao sr. dr. Rodrigo Rodrigues e ao qual assistiram tambem a filha e sobrinha do dr. Samuel, seu pae, o dr. Joaquim de Mello Freitas, Marcos Ferreira Pinto, Tenente Costa Cabral, dr. Marques da Costa, Eduardo Craveiro, João dos Santos Patoilo, e o director do *Democrata*, que entre si trocaram, ao *toast*, affectuosos brindes, sem esquecer alguns correligionarios ausentes, a Republica, o governo provisorio, etc.

Pelas 8 horas teve logar a sessão solemne de inauguração do *Centro*, presidindo o sr. governador civil que foi apresentado á assembleia pelo dr. Samuel Maia e muito saudado por esta, na sua maior parte constituida por pessoas de representação na villa, que por completo enchiam o vasto salão.

O discurso do sr. dr. Rodrigo Rodrigues, que no uso da palavra se seguiu ao do digno administrador do concelho, de congratulação pelos trabalhos das commissões republicanas locaes, historico e de reconhecimento pela maneira como foi recebido pela laboriosa população, arrancou por vezes tão estrepitosos applausos da assistencia que impossivel se tornou tomar d'elle quaesquer notas, bastando dizer que foi um dos mais bellos discursos que lhe temos ouvido e que certamente hade ficar gravado no coração dos nossos correligionarios ilhavenses como a melhor recordação do dia 5 de Março.

A seguir, fizeram ainda patrioticos discursos, os srs. tenente Costa Cabral, Alexandre Magano e dr. Mello Freitas, depois do que, n'uma das salas do primeiro andar do Centro, foi servida uma taça de *champagne* que deu logar a troca de brindes entre os convivas, destacando-se os dos srs. dr. Samuel Maia, dr. Rodrigo Rodrigues e Alberto Souto. Terminou a festa no meio de grande enthusiasmo e vivas á Republica, ao governador civil, ao governo provisorio, a Affonso Costa, aos republicanos d'Aveiro, ao Directorio, etc., etc.

O sr. dr. Rodrigo Rodrigues depois de agradecer mais uma vez a deferencia com que havia sido recebido pelo povo d'Ilhavo, embarcou para esta cidade tendo deixado no espirito de todos os habitantes do visinho concelho, estamos bem certos d'isso, as melhores impressões, o que aliás não admira, attendendo a que é dotado d'um primoroso caracter, educação esmerada, e tal nobreza de sentimentos que fizeram d'elle já um dos mais dignos funccionarios da Republica.

* * *

Do livro dos visitantes do *Centro Escolar Republicano d'Ilhavo*, trasladamos para estas columnas o que lá deixaram escripto os srs. drs. Rodrigo Rodriques e Mello Freitas, a quem foi apresentado:

A honra e satisfação que me possuem por ser o primeiro governador civil republicano a que é dado iniciar este livro do Centro Escolar Republicano, *marcam-me na vida um periodo da mais intensa alegria civica.*

A Republica alicercêa-se na isenção e consciencia do civismo dos cidadãos. No Centro Escolar Rrpublicano Ilhavense *a Republica Portugueza terá um factor effectivo e valioso da sua estabilidade e progresso pela educação que propaga.*

Ilhavo, 5 de Março de 1911.

(a) Rodrigo Rodrigues

Vejo-me muito atrapalhado para esboçar em quatro linhas a felicitação aos iniciadores d'este Centro. *Claro que fizeram uma obra de patriotas. Congregar vontades em volta d'um ideal de plena democracia, que apenas representa uma tendencia sublime—o governo do povo,—enche-me o coração de alegria. A ultima, mas infinita esperança, é a Republica.*

Portanto um abraço a todos aquelles que, possuidos de crença, promoveram a fundação d'este nucleo irradiante, que olha ao progresso, á ordem e á Liberdade.

Ilhavo, 5 de Março de 1911.

(a) Mello Freitas

* * *

O sr. governador civil irá no proximo domingo a Agueda devendo assistir a um comicio que os nossos correligionarios ali realisam pelas 2 horas da tarde e no qual tomarão parte como oradores, os srs. dr. Julio Sampaio, Albano Coutinho, dr. Antonio Brêda e outros.

Consequencias

A leitura da pastoral dos bispos que havia sido prohibida pelo governo em virtude de não ter o beneplacito, trouxe a alguns parochos, principalmente do norte, sérios dissabores, que afinal cêdo se dissiparam por o governo comprehender, e bem, que os mais responsaveis não eram os que liam, mas sim os que impunham a sua leitura apezar de previamente avisados das penas em que incorria quem não acatasse as ordens do poder civil.

No districto d'Aveiro apenas seis foram contra as deliberações governativas, desrespeitando-as, pelo que tiveram de ser presos pela auctoridade e conduzidos ao governo civil onde se conservaram até quarta-feira de manhã, sendo muito visitados por pessoas das suas relações, da cidade e de fóra, e a quem o digno magistrado do districto prodigalisou as maximas attenções dentro dos limites do possivel.

Eis os nomes d'esses reverendos: padre José Eduardo da Silva Mattos, prior da Trofa, Agueda; padre José Maria Alberto Soares, prior do Bunheiro, Estarreja; padre Manuel Marques Capelleiro e Silva, prior de Veiros, idem; padre dr. Antonio Tavares d'Araujo e Castro, prior da Murtoza, idem; padre Joaquim Thomé dos Santos, prior de Arada, Ovar; padre Francisco Marques Pires de Miranda, prior d'Alquerubim, Albergaria-a-Velha. Todos os detidos foram postos em liberdade apenas chegou o telegramma de amnistia concedida na reunião de conselho de ministros de terça-feira á noite, indo communicar-lhes a boa nova o proprio governador civil, no dia seguinte, de manhã cêdo, que lhes leu o telegramma que lhe foi enviado, concedido nos seguintes termos:

O conselho de ministros acaba de resolver, sob consulta da Procuradoria Geral da Republica, que o bispo do Porto seja immediatamente destituido, declarando-se vaga a Sé portuense para todos os effeitos. Os bens pessoaes e todos os papeis do ex-bispo serão entregues a qualquer procurador seu, integralmente e sem que sejam examinados ou apprehendidos.

Os padres que nos dois ultimos domingos se limitaram a obedecer ás ordens episcopaes, lendo a pastoral collectiva, sem injurias nem ameaças para a Republica, suas auctoridades e leis, e que não provocaram nem influiram em quaesquer motins, foram amnistiados, ordenando-se a soltura immediata dos que estiverem detidos, desde que se compromettam a respeitar d'ora ávante as determinações do poder civil, quaesquer que sejam as ordens que sobre assumptos não estrictamente espirituaes lhes derem os seus prelados:—o que v. ex.ª cumprirá mesmo em relação aos padres que pertencerem a districto diverso do seu, e estiverem á sua disposição ou de qualquer dos seus administradores, dando-me conta especificada do cumprimento d'esta determinação e indicando os nomes dos padres que ficam presos ou com mandado de captura por terem commettido algum crime além do da leitura da pastoral.

O conselho de ministros resolveu ainda que em attenção aos serviços que D. Antonio Barroso prestou á patria portugueza no ultramar e ás suas virtudes pessoaes, lhe seja concedida uma pensão vitalicia pelo ministerio das colonias. Queira v. ex.ª transmittir aos seus subordinados, para que o façam saber a todos os cidadãos, as determinações do governo e a sua firme resolução de manter intactos os direitos do Estado e a liberdade de consciencia dos cidadãos com pleno respeito pela religião que professam.

(a) Ministro da Justiça.

Os padres, ao que nos consta, sahiram em extremo penhorados com o sr. dr. Rodrigo Rodrigues e commissario de policia a quem mais tarde foram visitar e agradecer as amabilidades que para com elles haviam tido.

Sessão da Commissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 2 de Março de 1911.

Presidencia do cidadão, sr. dr. Carlos Alberto da Cunha Coelho. Assistiram os vogaes Jayme Ignacio dos Santos, Pompilio Souto Ratolla, Vicente Rodrigues da Cruz, Manuel Rodrigues Teixeira Ramalho, Sebastião Pereira de Figueiredo e Manuel Augusto da Silva, bem como o administrador do concelho, dr. Diniz Severo de Carvalho.

Acta approvada, em seguida ao que a Commissão deliberou:

Deferir as diversas petições de alinhamento e licença para construcções que lhe foram presentes;

Tomar em consideração, para ser opportunamente attendido, o pedido d'um subsidio de lactação feito por Sebastião da Silva Marques, viuvo, d'Eixo;

Attender á petição de Alberto da Naia Marques, presente á sessão anterior, conforme a expressa determinação legal;

Enviar para juizo a participação do fiscal municipal José Rodrigues Mieiro, contra o taberneiro Bento Bernardo, d'esta cidade;

Manter a resolução tomada pela vereação anterior, com respeito á avença a realisar com a firma «Reis & Filhos», negociante de vinhos, n'esta cidade;

Rehaver dos arrematantes dos impostos nas freguezias de Esgueira, Oliveirinha, Requeixo e outros logares, o imposto por elles illegalmente cobrado sobre as carnes;

Mandar proceder á póda das arvores do largo do Senhor das Barrocas, conforme o pedido da respectiva Commissão Parochial;

Commissionar os vereadores Jayme Ignacio dos Santos, Manuel Augusto da Silva e Pompilio Souto Ratolla, para examinarem as condições em que se encontram alguns empregados do municipio, a fim de legalisar a sua situação;

Mudar para os baixos do edificio dos Paços do Concelho a repartição dos afilamentos, a fim de aproveitar a loja em que essa arrecadação se encontra, destinando-a a arrecadação de materiaes, e dispensar o armazem por que se paga renda.

O ex.^mo presidente communicou, por fim, ter sido negada á Camara a auctorisação que pediu para desviar do seu fundo de viação a quantia de 1:000$000 réis. durante tres annos, para pagamento das dividas do municipio a diversos fornecedores.

UM BISPO BALDEADO

Um já lá vae, como se fosse exonerado qualquer juiz de paz da freguezia mais sertaneja! Proceder assim é seguir a conducta da monarchia fidelissima e liberal que elles tanto defendem. Pena é que a resposta dada pelo governo não fosse logo apoz a publicação da pastoral e não abrangesse todos os signatarios d'ella. Esse devia ter sido o caminho trilhado para que esses senhores se não julguem em plena idade média, de pendão e caldeira, com farroncas de regulo em cidadella conquistada. Ainda assim veiu a tempo, e não perdeu com a demora o safanão dado, a preceito, ao bispo do Porto, o bode expiatorio e ingenuo em todas as rascadas em que se envolvem estes condecorados da fé, ajaesados de mitra e saiotes vermelhos. Foi uma lição para o atribiliario e reaccionario bispo que deve aproveitar-lhe e aos collegas que por detraz o esporeavam n'estas arriscadas aventuras e que os há-de levar ao convencimento de que quem *dá o pão dá a creação*, doutrina esta que Deus deixou em lettra redonda, para se cumprir, quando baixou do alto, feito pomba, sem ser de rabo de leque, a inspirar os prophetas e os apostolos. Assente, pois, que o governo praticou uma obra de misericordia, castigando os que erram, examinemos o corpo de delicto.

Por qualquer lado que se encare a doutrina da pastoral ou sob o ponto de vista juridico ou como uma questão de facto, attendendo a opportunidade ou inoportunidade do momento, a pastoral foi um desastre enorme para o clero, uma vergonha, pelo procedimento por elle adoptado, avançando e recuando com uma indecisão e cobardia proprias de quem proseguia timidamente, armado do proposito de tomar o pulso aos grandes homens da Republica.

Entenderam os encartados pretorianos da fé que o povo, ao seu grito de revolta, se levantaria como um sò homem, como em tempos de ardente e mysticismo, com aquelle alor de revolta dos crusados, quando, á voz de Pedro Ermita, abalavam da Europa para a Asia! Baldada aspiração! Ao seu chamamento poucos accudiram, apenas a besta ignorante das aldeias, cuja fé não resiste a 1.000 annuaes para a sustentação do culto no regimen da separação, e algum malandro ou jesuita leigo que obedece exclusivamente á mola real dos seus interesses.

Mas revertendo ao caso.

Sob o ponto de vista juridico é doutrina corrente que a pastoral não podia ser publicada, sem o *placet* do poder civil, unico soberano. Dil-o a Carta Constitucional e o direito canonico. Mas que assim não fosse, nunca no caso poderia haver uma interpretação tão latitudinaria que auctorisasse um bispo a sahir do ambito das materias pura e strictamente religiosas para se immiscuir em assumptos extranhos á sua missão de pastor d'almas, atiçando nos seus subordinados e nos fieis ignorantes um espirito de rebeldia contra as leis da Republica.

Nas actuas circumstancias um tal atropêlo de jurisdição é um crime de reblião, pela mansa, e, como tal, deve ser punido; e tanto mais grave elle é quanto é certo dimanar de auctoridades que, apregoando-se apostolos da concordia e brandura, surdem como fomentadoras de mal disfarçadas conspiratas. O remedio a aplicar-lhes, mesmo dentro do espirito do evangelho, como correctivo de taes desmandos, é o que Christo usou com os vendilhões do templo—o vergalho—que se resume n'um passeio até Lisboa, ás ordens do energico ministro da justiça, dando-lhe o devido destino com carta de prégo.

Quanto ao clero parochial que, por medo e ignorancia, não acatou as ordens do poder civil, seu legitimo patrão, não fica mal ao governo um gesto de clemencia e generosidade, mas só por esta vez, não deixando de ser rigoroso para com aquelles que levaram a sua rebeldia até ao ponto de commentarem a pastoral e instigarem o povo á revolta. Para estes é bastante pôr-lhes os queixos em descanço, por causa das digestões pesadas, apeando-os das funcções parochiaes e dando-lhes para repasto chorudas pastoraes para mastigarem de portas a dentro.

Uma crise de barriga leva-os ao rego.

CORRE DE BOCCA EM BOCCA:

Que estiveram para se realisar as cerimonias da semana santa, no governo civil.

—Que já estava o caso meio resolvido pelas instancias superiores.

—Que havia quem tivesse n'isso o maior desejo, pois os padres não faltavam.

—Que se viessem todos os *desinfelizes* da pastoral, arranjava-se um bello contingente de *innocentes*.

—Que havia quem opinasse em formar com elles, um batalhão de *voluntarios*... forçados.

—Que sobre o caso, porém, havia duvidas por causa do commando futuro *del batalhon*.

—Que tambem protesta o seu *martyrio* e serviços o padre Fernandes.

—Que fez muita sensação na patria do *Elmano* a chegada do *Chico*.

—Que na syndicancia á Camara se tem encontrado cousas mirabolantes.

—Que já ha mais que sufficiente para metter na cadeia o criminoso.

—Que não pode ser outro, o final da peça.

—Que a curiosidade publica ha-de ser pouca para conhecer tanta traficancia.

—Que o melhor presidente de ha 40 annos, apezar de dizer muito, não disse nada.

—Que havemos de vêr o fundo á panella, dê lá por onde dér.

—Que um doutor de balcão, cá da cidade, está a habilitar-se para exame do 1.º grau.

—Que não quer passar por novo desastre, recusando-lhes o nome para o kalendario dos *martyres*.

—Que de todos os *martyres*, elle era, por certo, o mais gordo e anafado.

—Que por isso mesmo, se chegasse a ser queimado, havia muito unto a derreter.

—Que perder esta gloria por falta d'um simples exame é realmente para encavacar.

—Que vale a pena prevenir-se para estar promptinho para a primeira occasião.

REUNIÃO POLITICA

Realisou-se hontem nas salas do *Centro Escolar Republicano* uma reunião que teve por fim tratar, entre outros assumptos, da eleição da commissão districtal, acorrendo a ella representantes de quasi todos os concelhos que haviam sido convidos, entre os quaes Arouca, Anadia, Ilhavo, Vagos, Oliveira do Bairro, Estarreja, Albergaria-a-Velha, Oliveira d'Azemeis, Villa da Feira, etc.

Presidiu o velho republicano, sr. Albano Coutinho, que escolheu para secretarios os dr. Samuel Maia e Antonio Maximo.

Fallaram diversos oradores depois do que foi acclamada, por unanimidade, a seguinte lista de cidadãos que ficam compondo a *Commissão Districtal Republicana de Aveiro*:

Effectivos

Dr. Eduardo de Moura
José Casimiro da Silva
Alberto Souto
Alberto Augusto da Silva Tavares
Dr. Eugenio Ribeiro.

Substitutos

Dr. Manuel Larangeira
Cezar Augusto da Costa Cabral
Dr. Manuel Duarte da Pega
Dr. Antonio Joaquim de Freitas
Dr. Antonio Tavares Affonso e Cunha.

Os commissionados de fóra retiráram todos, á noite, depois de terem ido ao governo civil comprimentar o sr. dr. Rodrigo Rodrigues.

DEFEZA DA REPUBLICA

O que diz a imprensa ácerca das ultimas medidas do sr. governador civil d'Aveiro.

De *A Patria*, de Ovar:

«O governador civil d'este nosso districto, que é honesto e inteligente republicano, d'uma *droiture* politica que raro se topa, por questões de moralidade publica e purificamento moral, dissolveu, em Aveiro, o Centro Christo e suspendeu o jornaleco a *Justiça*.

O Centro, a que lá chamavam, salvo o devido respeito *do corno e da ferradura*, e o pasquinorio, que, simplesmente, era um *Povo d'Aveiro* de *travesti*... no apelido, faziam, na doce terra de tão saborozas doçuras, uma guerra reptiliana, pulhissima, ás suas dignas e oportunas medidas de primeiro funcionario districtal, e, conforme se podia, difamavam e malsinavam, semceremoniozamente, a Republica.

Escancarados, a sujarem a via publica com os seus vomitos, a provocarem uma cidade com o seu tripudio, eram, de facto, um perigo constante, por serem, sempre, um apelo inevitavel ás represalias espontaneas do simplismo popular, assomadiço deveras, como de experiencia se sabe. O governador civil pondo termo, só andou acertadamente.

Mostrou previzão, qualidade que é sempre o toque da boa lei, e sendo justiceiro e severo, deu, uma vez mais, aos inimigos da Republica a conhecer a extensão e a firmeza da sua energia politica.

O districto d'Aveiro, d'esta vez, pode dizer que tem homem. Para levar e durar, é claro, pois que é absoluta a identificação dos republicanos do districto com o seu chefe. Este cazo, melhor ainda afirmou a reciprocidade de entendimento, essencial a uma acção proficua e decizivamente republicanizadora, e que assim foi o indica a manifestação calorosa de sympathia que ao dr. Rodrigo Rodrigues fez a cidade d'Aveiro depois da operação saneadora.

Manifestação a que d'Ovar nos associámos, por via da Commissão Municipal que ao illustre governador civil telegraphou as suas felicitações, os seus aplausos devidos».

* * *

Da *Bairrada Livre*, de Anadia:

«Poucas coisas haverá mais repugnantes do que a hypocrisia. E, no entanto, ella tem-se alastrado tanto no nosso paiz, que chega a constituir parte da vida—a parte corrupta, é claro—da sociedade.

Bem fez o governo, suspendendo o *Povo de Aveiro*, esse esgoto immundo que affrontosamente se dizia republicano e bem fez agora o sr. governador civil mandando fechar um centro de discordia que em Aveiro havia, mascarado de republicano, suspendendo ao mesmo tempo o seu realejo que em caracteres d'um requintado cynismo se intitulava *A Justiça*».

* * *

Do *Correio d'Aveiro*:

«Foi intimada a suspensão do nosso collega—*A Justiça*, que ha dias principiou a publicar-se n'esta cidade, por ordem do sr. governador civil.

Em periodo revolucionario ainda, não é de estranhar essa ordem, com que toda a gente contava mais ou menos, d'um dia para outro, logo que o jornal appareceu, dadas as circumstancias especiaes das pessoas que o faziam sahir e o inspiravam.

Mal de nós se assim fosse sempre e que as suppressões, apprehensões ou censura previa fossem, na Republica normal e legal, moeda corrente como era no finado tempo da Monarchia. Agora porém comprehende-se e é muito melhor que se supprima um jornal, que, deixando-o publicar, se assegure a impunidade a qualquer assalto em que perigue a vida das pessoas e se destrua a propriedade alheia. Sob este ponto de vista applaudimos a deliberação do sr. governador civil.

— Pela mesma auctoridade foi intimada a suspensão de quaesquer reuniões no *Centro Nacional Democratico*—e bem assim o seu proposito de pôr na fronteira os srs. drs. Jayme Duarte Silva e padre Antonio Duarte Silva, ao minimo acto de desobediencia que praticassem ou se procurassem fomentar qualquer perturbação da ordem».

"O Severense,,

Devido aos esforços e dedicação de alguns republicanos de Sever do Vouga, começou a publicar-se n'este concelho com o titulo que nos serve de epigraphe, um novo semanario republicano radical de que recebemos o 1.º numero. E' seu director, o sr. Eduardo Arvins, e traz variada e util collaboração.

Desejamo-lhe vida prospera e desafogada.

Livros, Revistas & Jornaes

Leis da Republica Portugueza

O Escriptorio de Publicações, da rua Formosa, 384—Porto, está editando em fasciculos de 16 paginas, em bom papel, ao preço de 60 réis, as leis de interesse geral e especial da Republica, estando já á venda o n.º 10.º, que é extraordinario. Contém 48 paginas e custa 100 réis, preço tambem dos n.^os 5.º e 8.º, de 48 paginas, tratando estes do *inquilinato, com todos os decretos puplicados*, e das *Leis de Familia*—sendo ambos annotados. O fasciculo 10.º é composto por todas as leis vigentes sobre *congregações religiosas, conventos e mosteiros, etc.*, do Marquez de Pombal, Aguiar e Affonso Costa, e inclue ainda outros decretos.

Estas leis, revistas por um technico competente em assumptos legislativos e juridicos, vendem-se tambem nas principaes livrarias do Porto, Lisboa, todas as de Coimbra, Braga, Aveiro, etc.

Theatro Aveirense

E' esperado ámanhã n'esta cidade o *Orpheon Academico de Coimbra*, composto de perto de 250 executantes, que nos deliciará com um espectaculo pelas 7 1/2 horas da noite.

A casa está quasi toda passada.

O Democrata—vende-se em Aveiro, no kiosque da Praça Luiz Cypriano.

PROPAGANDA REPUBLICANA

O comicio em Bustos

Foi verdadeiramente triumphal para a Democracia a jornada que os republicanos d'Aveiro, em missão de propaganda, fizeram, no passado domingo, á freguezia de Bustos, concelho de Oliveira do Bairro, velho feudo da extincta monarchia, onde o caciquismo imperava impudica e descaradamente.

Logo de manhã, o logar appareceu ornamentado de festões de verduras, bandeiras e flôres e o povo de Bustos e cercanias, espalhando-se pelas ruas d'aquella importante povoação bairradense, dava a tudo uma nota alegre e festiva.

Havia o maior interesse em ouvir os oradores, que alli iam, impulsionados pelo amôr patrio, levar a Bustos a palavra da verdade, da justiça e da fraternidade.

Eram 2 horas quando ao logar chegavam os nossos distinctos e prestimosos correligionarios, Albano Coutinho, dr. André dos Reis, padre capellão de infantaria 24, capitão do porto Julio Ribeiro de Almeida, capitão Ferreira Viegas, Ruy Cunha e Costa, Manoel Barreiros de Macedo, Francisco Marques da Silva, Antonio Maria Ferreira e outros.

A banda de musica de Mogofores rompeu com a *Portugueza*, os foguetes estalejam nos ares e revoam pelo espaço, as mais enthusiasticas acclamações á Republica, á Patria, ao Governo Provisorio, Affonso Costa, Antonio José d'Almeida, etc.

Cerca de 3:000 pessoas se constituiram então em cortejo, levando á frente os nossos illustres correligionarios, que, commovidos, agradeciam aquellas espontaneas e patrioticas manifestações.

Chegados a um dos principaes largos do logar, todos os oradores subiram, por entre constantes ovações, á tribuna que fora erguida fronteira ao palacete do Visconde de Bustos.

Rodeando a tribuna, ornamentada de bandeiras, festões de verdura e flôres, toda aquella multidão se comprime e acotovelava. Ao centro tremulava altiva e garbosa a bandeira verde e vermelha, como que saudando e beijando todo aquelle nucleo de cidadãos outr'ora tão escravisados pelos *caciques* da terra, e hoje cidadãos livres de uma Patria livre!

Subindo á tribuna, o administrador de Oliveira do Bairro, propõe para presidir ao comicio o venerando cidadão Albano Coutinho, que é immensamente victoriado e escolhe depois para secretarios os cidadãos Jacintho Simões dos Louros e Manoel dos Santos Ferreira.

Constituida a meza, e depois de expostos os fins da reunião, é dada a palavra ao

Capellão de Infantaria 24

Este nosso correligionario, um verdadeiro liberal, demonstra de uma forma indiscutivel que entre Republica e Religião não existe, nem jamais existiu, a antinomia que os reaccionarios e saudosos do regimen passado apregoam. Caindo, depois, a fundo sobre os jesuitas tem arrancos oratorios que o povo sublinha com estrondosos applausos. E' pheneticamente saudado com vivas ao clero liberal e aos verdadeiros patriotas.

Segue-se-lhe o nosso amigo e correligionario

Dr. André dos Reis

que a assembleia acolhe com uma estrondosa salva de palmas. O digno advogado começa por fazer a apologia da Republica e demonstra quanto mais nobre do que a monarchia, é o actual regimen governativo e quanto são sabios os seus homens e humanitarias e justas as leis até agora publicadas pelo Governo Provisorio, leis essas que são a base da nova vida juridica do paiz. Verbera, com calor, os erros dos antigos governantes da nossa Patria e diz que a obra encetada em 5 de outubro ha de erguer Portugal ao logar a que tem direito perante o mundo culto. Termina o seu discurso, que é entre-cortado de muitos applausos, com vivas á Patria, á Republica, ao Povo e ao Governo Provisorio.

Assoma á tribuna

Ruy da Cunha e Costa

um novo já, com assignalados serviços á causa democratica.

Com justiça e verdade escalpella os actos dos ultimos governos monarchicos desde João Franco até Teixeira de Souza. Atacando violentamente os *caciques* tem phrases de rara energia, sendo muito acclamado pela assembleia, ao terminar.

Na ordem da inscripção, fala o estudante de direito, João Cardoso que produz um patriotico discurso aconselhando o povo a que siga o caminho que, de futuro, lhe for indicado pelos republicanos de Aveiro—os homens honestos que alli estão e que tão desinteressamente se têm batido pela causa do povo, da democracia e da Republica. Fartos applausos acolhem as palavras d'este orador que é um rapaz sympathico e insinuante.

Terminado este discurso, apparece na tribuna

Julio Ribeiro d'Almeida

capitão do porto de Aveiro, que, depois de saudar a Democracia triumphante, faz o elogio do professor primario e recom menda aos novos que o ouvem que jamais deixem de frequentar as escolas; que todos se instruam muito e muito porque é da instrucção do povo que hade surgir uma patria nova e altiva. A assembleia saúda o orador com uma grande salva de palmas e vivas á Marinha portugueza.

Por ultimo fala ainda o estudante de direito,

Manuel d'Oliveira Santos

que faz a sua estreia, criticando os homens e reis da dynastia deposta, demonstrando ser livre pensador e fustigando justiceiramente a horda negra e maldita do jesuitismo. Recebe uma enthusiastica ovação por parte dos assistentes. Encerrando o comicio fala Albano Coutinho que se congratula com o povo de Bustos pela imponencia d'aquella festa republicana.

Novas girandolas de foguetes estouram nos ares e o enthusiasmo recrudesce quando ao som da *Portugueza* aquella grande massa, percorrendo as ruas principaes da freguezia, acclama o regimen republicano e os seus homens. De muitas janellas as mulheres do povo lançam flores sobre os republicanos de Aveiro, a quem a dignissima professora, esposa do nosso correligionario Simões dos Louros, offerece um delicado *lunch*.

Esta senhora, que é uma professora distinctissima, e que foi victima das perseguições da monarchia, é saudada por Albano Coutinho, dr. André dos Reis, Ribeiro de Almeida, João Cardoso e padre Capellão em primorosos e delicados brindes.

Perto das 5 horas, retiravam-se todos os oradores para Aveiro, agradavelmente impressionados com aquelle povo de Bustos tão patriotico, tão bom e tão generoso.

CARTA

Recebemos com o pedido de publicação o que segue:

...Sr. Redactor

A *Liberdade* publicou um artigo, assignado pelo sr. Manuel Dias, em que fere a nossa dignidade. Pedimos, por isso, o favor de inserir no seu jornal *O Democrata*, a seguinte resposta aos *Apontamentos d'um republicano...* desconhecido.

* * *

«Conheço alguns que nunca foram republicanos, antes pelo contrario, bem os guerrearam, mas que hoje pretendem dar as cartas. Pelo menos é o que succede cá na minha freguezia, onde o caciquismo impera ainda acobertado com a capa de republicanismo.

Não são decorridos muitos mezes ainda, depois que uma commissão composta de quatro *cavalheiros* da minha terra, capitaneados pelos chefes *bloquistas*, me deu um cheque na presença da primeira auctoridade do districto, calcando aos pés a lei e commettendo uma revoltante arbitrariedade. E como não hão-de os caciques andar arrogantes se a Republica lhes dá guarida!»

Isto, que acima transcrevemos é simplesmente uma infamia como demostraremos. Antes, porém, temos de fazer uns reparos aos *Apontamentos* do sr. Manuel Dias, para elucidação de quem nos ler.

* * *

Na Costa de Vallade, nunca ninguem conheceu o sr. Manuel Dias como republicano. O sr. Dias tambem não affirma que o fosse. Foi procurado para mostrar uma carabina e, depois, casualmente, diz, convidaram-n'o para entrar no dito *complot*. Foi assim? Não foi? Nós, por agora, não podemos discutir esse ponto que vamos, no entanto, procurar aclarar.

Não nos surprehende, tambem que o sr. Manuel Dias, mesmo sem ser republicano, entrasse para o *complot* para que, diz, foi convidado. O sr. Dias foi sempre vaidoso e, n'esse tempo, era pouco ou nada conhecido. Convidado, mesmo sem convicções republicanas, que admira que se inscrevesse só para ter nome e arranjar relações?

A sua vida, pelo menos, é um desmentido formal á sua declaração d'hoje, de velho republicano mesmo por umas horas que fosse.

Armas, estiveram, em Aveiro, n'um armazem do Francisco da Maurizia, debaixo d'um montão de cal e, depois, foram d'ali retiradas, após o malogro da Revolta do Porto.

Vieram algumas para a Costa? E' possivel, pois, o sr. Manuel Dias, arrependendo-se d'esse passo, disse que se prestou a recebel-as para salvar um amigo.

Mas, fosse como fosse, viessem ellas donde viessem, Manuel Dias foi *depositario* d'algumas armas.

O sr. Dias faz uma embrulhada dizendo que recebeu 50 armas; em seguida que para Aveiro foram só 4 ignorando o destino que tiveram duas.

Mas sendo 9 os individuos de Aveiro que foram á reunião conspiradora e, indo para ali, apenas, 4 armas, ficaram 5 desarmados. E para quem eram, então, as 50 armas que estavam no Ramal? Aqui ha erro do chronista, pela certa.

Depois chama caloteiros aos oito conspiradores pois, só elle e Manuel Christo, diz, pagaram a quantia que faltou.

* * *

E' claro que tudo, quanto se passou depois que as carabinas e cartuxame vieram para a Costa de Vallade, não representa senão actos de defeza pessoal e alguns, até, bem pouco abonatorios para o seu caracter.

«Em todo o caso eu não achava as armas seguras onde as tinha e tratei de as retirar da minha propriedade para casa d'um rapaz meu trabalhador, n'essa noite. Os caixotes foram bem, mas para levarmos o dos cartuchos?

Lá ajudei o rapaz com muito custo e lá foi o desgraçado com o caixote ás costas a uma distancia de uns 100 metros! Não sei como não rebentámos!»

Metter em casa d'um cidadão, aproveitando a sua ignorancia e illudindo a sua boa fé, um objecto considerado contrabando de guerra, sem lhe mostrar as responsabilidades que d'ahi lhe advem, é um procedimento repugnante e criminoso. E, por cima, obrigar o desgraçado a carregar com a *forca* para casa!... E carregal-o a ponto de quasi o esmagar!...

E confessa esta proeza, em lettra redonda! Já é!...

O sr. Manuel Dias evitava estes *episodios* desfazendo os tres caixotes e distribuindo o conteudo por caixotes mais pequenos. Não corria o risco de arrebentar com o desgraçado tendo só a desvantagem de fazer, no transporte, uns poucos de caminhos. Em vez de as retirar, podia muito bem enterral-as na sua propriedade que é grande e isolada.

Qual seria o faro que as descobriria?

Mas tambem, sem isso, ficava a narrativa sem episodios tão interessantes!...

Para evitar os restantes episodio era não vender as armas. Melhor seria perder o dinheiro que, dividido por todos, pouco era.

Ou eram oito caloteiros?

Finalmente, d'essa grotesca descripção, vê-se que o sr. Manuel Dias se quiz *dar ares*, quiz chamar attenção sobre si e, depois, velhacamente, insultar-nos mais ao sr. Albano Coutinho.

* * *

O professor Barros e Almeida foi durante muito tempo, á sombra do conselheiro Castro Mattoso, quem tinha preponderancia na Costa do Vallado. Era um homem bondoso e serio. Não vendo bem este predominio, Manuel Dias odiava-o e atacava Castro Mattoso que lhe dava o valimento.

Com o tempo o sr. Manuel Dias conseguiu abrir entrada em casa do conselheiro e, intrigando, desalojou, d'ali, Barros e Almeida. Passou para o Dias esse papel e tornou-se, desde então, um familiar de Castro Mattoso. Toda a gente ahi o viu, centos e centos de vezes, annos seguidos, á hora dos comboios, em Quintãs, transportando malas dos hospedes do conselheiro.

Pedia votos em nome do conselheiro e seguiu com elle, a sua curva politica.

Manuel Dias que era progressista, em 1891 fez parte d'uma vereação progressista; em 1900, encapotadamente, como o amo mandava, hostilisava a lista progressista e auxiliava a franquista; franquista o amo, elle seguiu-o.

Morto Castro Mattoso, Manuel Dias alista-se no partido regenerador na primeira governação civil de Vaz Ferreira sahindo o seu nome no *Campeão*; ergue-se o franquismo no poder, eil-o de novo franquista e, cahido o franquismo, nas ultimas eleições, trabalha pelos Teixeiristas.

Na Costa do Vallade tentou corromper-nos, com Castro Mattoso, comprando os votos com o dinheiro dos cofres publicos para uma capella. Apesar de se ter pedido, por representação, um subsidio, quando o dinheiro chegou, queriam por elle toda a votação.

Com Vaz Ferreira, tentou o mesmo commercio.

A sua mania era mandar, ser o dono, o *cacique* do logar!

* * *

Em 1901 foi nomeado, por Castro Mattoso, sub-chefe fiscal dos impostos e empregado nos tabacos.

Sub-chefe em Ilhavo, era n'este concelho que tinha de residir e tinha por dever ir á repartição, todos os dias, das nove ás tres horas da tarde.

Pois este empregado vive permanentemente n'um concelho estranho, administrando a sua lavoura, não indo quasi nunca á repartição!

Limita o trabalho a ir, de longe em longe, dar um passeio a Ilhavo e receber o ordenado!

E é um homem d'estes que tem a desfaçatez de dizer que é republicano como se a Revolução de 5 de outubro não se fizesse para correr e aniquillar os grandes comedores e devoristas dos cofres publicos que não trabalham e só assignam o recibo no fim do mez. Se a Republica não viesse para desfazer essas poucas vergonhas, se a Republica continuasse a conservar nos logores funccionarios que não trabalham e que só sugam o suor de nós que trabalhamos, outra Revolução se tornava precisa para os aniquillar.

Continuará o sr. Manuel Dias, dentro da Republica, o mesmo regabofe, vivendo fóra do seu logar?

* * *

Porque não podem, pois, os signatarios e toda a commissão ser republicanos dentro do novo regimen? Todos nós somos trabalhadores e honrados.

Vivemos do nosso modesto trabalho. Um, é artista, foi africanista, e teve a honra de acompanhar de roça para roça o dr. Antonio José d'Almeida e foi sempre um humilde admirador d'esse grande caracter e d'essa grande alma; os restantes, são negociantes e lavradores.

Que mal faz, pois, á Republica, a nossa dedicação que é inteiramente desinteressada, pois nós não queremos empregos, nem comer dos cofres publicos sem trabalho?

Porque nos insulta, pois, o sr. Manuel Dias chamando-nos «*cavalheiros*», *farçantes e cynicos?*

Na sua cara lhe cuspimos os termos com que nos insultou.

* * *

Esta commissão formou-se para o povo d'este lugar saber como se administrava o seu dinheiro n'uma capella que anda em construcção. N'uma escripturação difficiante, não ha contas difinidas, dizendo-se que gastavam ora cerca de tanto, ora cerca de tanto e não se sae d'isto.

O sr. Dias que tinha gerencia n'esses negocios até aqui, posto fora pela indignação geral, correu ao sr. governador civil, sr. Albano Coutinho e, dando-se ares de republicano, mentiu, mentiu e levou o sr. governador civil a demittir a nova commissão. Veio officio destituindo-a do seu mandato. A' tarde, no dia seguinte, appareceu aqui o sr. Bernardo Lopes e, na presença do Dias, tentou fazer entregar a chave e escripturação á commissão antiga que o sr. Manuel Dias, seu mentor, dirigia.

Toca-se o sino a rebate, junta-se muito povo e esteve emminente um grave conflicto.

Chamados a Aveiro pelo sr. governador civil, ali dissemos as razões justificativas do nosso procedimento.

O sr. Albano Coutinho deu-nos razão e a commissão ficou como estava. N'esse momento, o sr. Albano Coutinho disse que o sr. Manuel Dias, que estava presente, o enganára, mentindo-lhe. Que todo o lugar estava contra a sua administração.

O sr. Manuel Dias, então, alegou os seus serviços dizendo que tinha arranjado um conto de réis para a nossa capella e que, se viesse ahi pedir votos, poucos lh'os davam!

Retorquiu-lhe o sr. Vieira dos Santos que isso era mentira, pois fora o sr. Conselheiro Mattoso, por uma representação, quem conseguiu aquella quantia.

E o sr. José Vieira, então, replicando, disse que o sr. Dias só dissera mentiras ao sr. governador civil, demais a mais, incultando-se velho republicano, para elle o acreditar, quando elle em politica teve umas poucas de côres, menos a republicana.

E vem insultar uma auctoridade que cumpriu democraticamente o seu dever e a justiça, dizendo que sr. Albano Coutinho sancionou uma illegalidade e deixou calcar aos pés a lei. Isto é uma mentira infame que iremos detalhadamente, expôr n'um pamphleto.

Pela commissão,

João Fernandes Filippe,
José Vieira dos Santos.

P. S. — Como não estamos acostumados a escrever, pedimos a quem nos corrigisse estes apontamentos.

A todos os nossos assignantes rogamos o favor de nos avisarem sempre que mudem de residencia e bem assim de fazerem acompanhar todas as suas reclamações do n.º da cinta do jornal.

Fuschini

Morreu ante-hontem em Lisboa, Augusto Fuschini, engenheiro civil e ministro de estado honorario da extincta monarchia.

Não foi dos peiores.

Rectificação

E' menos verdadeira, para não dizer inteiramente falsa, a noticia publicada n'um dos ultimos numeros de *Os Successos* sobre um pertenso crime de assassinato praticado em Aguada de Baixo.

Não houve crime. O que se deu foi simplesmente isto: quando varios camponezes cortavam uma arvore, esta, cahindo mais depressa do que era de esperar feriu desastradamente um, que falleceu horas depois.

Foi o que foi e que os *Successos* não deviam alterar.

Falta de espaço

Não podemos incluir n'este n.º alguns originaes que recebemos por a isso se oppôr o espaço do jornal já todo preenchido.

Desculpem-nos os seus auctores.

Um conspirador?

Os jornaes d'hontem deram-nos a noticia de que foi preso em Lisboa, a bordo do «Aragon» procedente do Brazil, um cavalheiro de nome Arthur de Vasconcellos Veiga de Faria, natural de Aveiro, freguezia da Vera-Cruz e filho do antigo gerente do deposito das machinas SINGER, Thomé de Souza Veiga e sua esposa, D. Antonia da Silveira de Vasconcellos Veiga, ao qual se attribue responsablidades no crime de tentativa de rebelião contra a RePublica Portugueza, pelo que recolheu á cadeia do Limoeiro.

Tanto o preso como a familia são, effectivamente, aqui muito conhecidos, vendo os aveirenses, com certo desgosto, que a sua terra se esteja a distinguir tanto como patria de criminosos e degenerados.

CORRESPONDENCIAS

Luzo, 5

Ha tempo bastante que não voltei a occupar com qualquer correspondencia, espaço nas columnas d'este jornal; porém, agora que assumptos assim o requerem aqui me teem os leitores de novo afim de tratar d'um facto que não deve ser olvidado nem tão pouco deitado ao desprezo nos tempos que vão correndo.

Já é sabido por toda a parte, especialmente no districto de Aveiro, que se anda desde de desembro a proceder a uma syndicancia a Mauricio Fernandes Pimenta, chefe de conservação da 11.ª circunscripção, e que contra este funccionario se teem apurado graves irregularidades, e, tão graves ellas são que não sei se haverá quem livre esse individuo dos tribunaes onde certamente terá de ir responder por crime. Pois bem; o sr. director das Obras Publicas d'este districto faz-se desconhecedor da lei e conserva-o ao serviço e só a poder da commissão municipal da Mealhada muito se ter manifestado contra tal facto, indo até conferenciar com o sr. governador civil por causa d'isto, é que o sr. director se resolveu a transferil-o para Agueda. Decerto os leitores do *Democrata* desconhecem na sua maior parte, esta questão porque eu não tencionava gastar tempo a discutil-a, mas como ha dias mandei para o *Janeiro*, jornal portuense, uma correspondencia, que n'esse mesmo jornal foi publicada, veio um individuo acobertado com um pseudonymo, no mesmo diario, de 23 de fevereiro, tentar desmentir-me dizendo que em logar de Sousa deveria ser outro nome para poder responder com precisão, que se o não faria era por este motivo e pelo motivo de não ser a elle nem a mim que compete averiguar a veracidade dos factos apezar de eu e os meus amigos d'agora—diz o celebre chronista—nos querermos metter em tudo.

Não sei se chame idiota a um desqualificado assim, que sem saber o que diz, por certo não sabe o que escreve.

Pede luz sobre o caso como eu tambem pedia, mas para que tenta abafal-o logo?

Para que diz querer luz, se quando a questão vae sendo illuminada, elle a quer apagar?

Bem sabe o chronista, auctor da correspondencia, o que a pessoa syndicada tem feito e o que essa pessoa talvez... tenha ajudado a fazer.

Os escandalos são tão graves e em tal quantidade que fariam uma historia maior que a de alguns homens celebres!..

E para que os leitores vão avaliando, eu vou citar-lhes varias coisas que foram declaradas por varias testemunhas e das quaes eu fui uma.

O funccionario em questãotem as seguintes obras que mostram a sua dignidade, altivez de caracter e zelo pelo cumprimento do seu dever: O serviço feito nas suas propriedades é á custa d'este pobre povo que paga as suas contribuições sem saber o seu destino, pois vê apenas nos recibos estes dizeres: *Taxa fixa, tanto; emolumentos, tanto; mais 5 por cento por lei de tantos de tal, mais 3 por cento por lei de tantos de tal*, etc., emquanto que os seus sacrificios são cada vez maiores, para que todos os funccionarios possam ser sustentados.

Mas note-se que os que são zelosos e cumpridores, em nada sobrecarregam o Estado porque esses são poucos e não se lhes paga com mais da decima parte com que se paga aos funccionarios como o de que tratamos, pois, que o seu ordenado além dos 30 mil réis mensaes, é muitas vezes augmentado com aguços de ferramentas, sargetas que mandam fazer por 16$000 réis e pelas quaes se recebem 19, dias de trabalho á tia Maria Josepha á razão de 1$200 réis, e muitos outros arranjos que nos fazem acreditar no ditado que diz que *quem parte e reparte, e não fica com toda ou a a maior parte, ou é tolo, ou não tem arte*. Ora o chefe não é tolo, sabe pouco repartir e tem arte.

Possue tudo isto. Muito deve o homem á natureza que o dotou com tão boas qualidades.

Porque, nem todos os homens são habeis e intelligentes para aprender qualquer arte e o chefe de conservação com facilidade comprehendeu o que era ser empregado publico no tempo da monarchia.

Se elle soubesse ou sequer calculasse que a Republica vinha tão cedo, é possivel que se tivesse já preparado para entrar no novo regimen, porque não sabendo repartir, aprendia, não sabendo ser bom, fazia-se, fundindo-se, e se fosse, como é, preciso mudar de arte mudava porque é intelligente. E se por accaso não pudesse já aprender tudo isto pela sua avançada edade o não permittir, deixar-se-ia d'isto e ia fazer barbas, arrancar dentes e pensar ferimentos para dar consumo aos pensos antisepticos, taes como algodões e outras coisas mais que se vendem na pharmacia do parente...

Emquanto ao que o articulista na parte de não ser a mim nem a elle que compete averiguar a veracidade dos factos, não é tanto assim porque todo o bom republicano e especialmente o bom democrata se deve esforçar por dar informações claras sobre quaesquer facto que importe interesse para a Republica e é evidente que ninguem póde averiguar qualquer facto d'esta natureza sem que alguem lhe preste informações e dados seguros, e esse alguem, quem deve ser?

Os nossos vis-avós que morreram no seculo passado? Evidentemente que não e eu não pretendo averiguar da veracidade dos factos porque para mim está averiguada a sua veracidade e o que pedia e peço é que o syndicante fassa luz sobre o caso. Isto quer dizer que fassa o syndicante pela ponta da sua penna um relatorio claro e firme para que com firmeza se possa fazer justiça segura.

Seria bom que não me incitassem a fazer estas correspondecias porque isto poderá fazer com que eu dispondo de mais vagar e tempo, possa ferir com golpes mortaes o auctor da correspondencia publicada no *Janeiro* de 23, e todos os seus protegidos.

O chronista já sabe bem o nosso temperamento quando tentam desmentir-nos, quando temos a convicção das verdades que apontamos.

Olhe que a verdade é a justiça e a força é a razão.—*Sousa.*

Bomsuccesso, 27 de fevereiro

Sentem-se por aqui os effeitos immensamente salutares da Republica tanto com a ultimas medidas de energia adoptadas pelo nosso previdente e altivo governo como tambem—e para nós isto muito especialmente—com as medidas, rasgadamente acertadas do nosso muito digno governador civil, sr. dr. Rodrigo Rodrigues.

Agora é que a Republica, com toda a sua Justiça, echoou da sua grandeza no districto d'Aveiro; porque sem justiça nada é grande e, para mais, S. Ex.ª fez justiça requerida pela propria *justiça*.

Quem longos annos acariciou e desassombradamente fez sempre propaganda da Ideia republicana, sente uma convulsão d'enthusiasmo quando vê um correligionario tão digno, um orador tão criterioso, um magistrado tão previdente á frente da administração do districto.

Quem, como nós, conhece essa thalassaria infrene, acobertada com o rotulo de *republicanos moderados*, que, por estes sertões luzitanos pretende arrebanhar os inconscientes, alimentando a superstição, ensinando-lhes — para defeza da rebeldia—a recitar o pretesto de *que o partido historico os não aceita*, (peiores que o proprio judas que renegam, porque esse entendeu que, traidor, merecia a morte) isto quando nós fazemos tão activa propaganda convidando os cidadãos honestos que se intereçam pela causa publica a virem inscrever-se no nosso partido, quem vê tudo isto e tem amor á Republica do nosso ideal sagrado, reconhece

que estas medidas são necesaarias e justas.

Reportando-nos á sequencia das primeiras linhas, o effeito moral foi optimo porque os bons republicanos, além de estarem sempre promptos ao primeiro rebate, veem no zelo dos seus magistrados a segurança da Republica.

E a massa ignorante que se tem deixado guiar pela mão exploradora do *cacique*, vendo que a Republica é para todos e que só os republicanos honestos terão voz na Republica, começa de republicanizar-se por si, como elles dizem, castigando assim os seus antigos ludibriadores.

C.

Pará, 15 de fevereiro

No dia 22 de janeiro ultimo ás 7,30 da noite, seguiu para o *Souza* o carro electrico n.º 66. Ao chegar, porém, proximo ao asylo da mendicidade, como ali seja um logar escuro devido ao arvoredo que fica junto da linha, o motorneiro sentiu um choque no vehiculo de que resultou descarrilar.

Tendo ido verificar, viu com surpreza, um individuo morto sobre a linha com a perna direita fracturada e e peito esmagado por lhe terem passado por cima as rodas do vehiculo.

O corpo do desventurado foi, em seguida, conduzido para o posto policial do Marco da Legua e o motorneiro e os conductores presos apezar da sua inculpabilidade, pois suppõe-se que a victima tivesse tentado contra a existencia por aquella fórma.

No dia seguinte soube-se ser a victima Manuel Marques da Silva Valente, solteiro, de 32 annos de edade, que de Portugal viera ácerca de 20 annos, tendo aqui um irmão e não sabemos se outros parentes.

==Realizou-se no dia 21 de janeiro, no *Gremio Litterario Portuguez*, a eleição dos corpos gerentes do mesmo, com a presença de 91 socios, dando o resultado seguinte:

Assembleia geral—*Presidente*, Commendador Jorge Correia; *1.º secretario*, Antonio José Pereira de Moraes Neves; 2.º dito, Joaquim Pinto Ramos.

Directoria—*Presidente*, José Candido da Cunha Osorio; *vice-presidente*, Abel Lucena de Barros; *1.º secretario*, José Lopes de Castro; 2.º dito, Rufino Pinho Campos; *thesoureiro*, Antonio Augusto Costa Azevedo; *directores*, Luiz Guiães de Barros, Evaristo Dias Corrêa Braga, Manuel da Silva Froes, Antonio Santa Clara Lopes, Antonio Marques Reis Junior e Luiz d'Oliveira Cardoso Baldaia.

Convem notar que esta lista venceu apenas por dois votos de maioria sobre a que os republicanos apresentaram.

==Causou aqui indignação, o procedimento dos *thalassas* portuguezes residentes em Pernambuco e outros estados do Brazil, pelos insultos dirigidos aos bravos marinheiros do vazo de guerra *Adamastor* e ultrages á bandeira portugueza.

==O *Centro Republicano* d'aqui, tinha projectado fazer uma grande recepção aos marineheiros do *Adamastor* e obstar que estes fossem maltratados por um certo grupo de *thalassas* portuguezes, que aqui residem, para cujo fim se preparavam.

==Chegou a este Estado nos primeiros dias de fevereiro, o nosso amigo, correligionario e bemquisto commerciante d,esta praça, sr. Sebastião Martins, natural de Cacia, a quem enviamos as boas vindas.

==Realisou-se uma tourada no dia 22 de janeiro aonde se achava occupando o logar de honra a antiga bandeira portugueza, sem a corôa, tornando-se esse facto muito notado e digno de censura.

==A commissão central portugueza, aqui residente, que tomou o encargo de angariar donativos para as victimas dos terremotos no Alemtejo, Portugal, enviou d'aqui, por duas vezes, ao sr. D. Manuel, na qualidade de presidente da grande commissão nacional, a quantia de 2:835 libras, producto de 44:792$000 réis moeda brazileira; porém, apezar da ultima remessa lhe ter sido enviado em 27 de novembro de 1909, ainda não sabemos qual o destino dado a esse dinheiro!

==Uma commissão do *Centro Republicano Portuguez*, foi no dia 31 de janeiro ultimo, ao cemiterio de Santa Izabel, depôr una formosa grinalda na campa do malogrado sargento Pinto, victima da febre amarella em dezembro de 1900 e um dos heroes da revolução do Porto.

Da grinalda pendiam duas fitas, verde e encarnada, com esta dedicatoria:—*Ao malogrado sargento Pinto—Homenagem do «Centro Republicano Portuguez», no Pará. 31-1-911.*

==Sahiu o n.º 19 da *Patria Nova*, jornal republicano, cuja leitura recommendamos áquelles que ainda acreditam na restauração da monarchia em Portugal.

C.

Annuncios

EDITAL

Rodrigo Rodrigues, Governador Civil do Districto de Aveiro, etc.

Achando-se designado o dia 12 do proximo mez de maio para a reunião da Junta da avaliação provisoria do imposto de minas, d'este districto, a fim de proceder á organização do respectivo mappa com relação ao anno de 1910, pelo presente convido, em conformidade com o decreto dó 30 de Setembro de 1892, os concessionarios, ou seus representantes, das minas a tributar, sitas nos concelhos d'Albergaria-a-Velha, Anadia, Arouca, Castello de Paiva, Feira, Mealhada, Oliveira d'Azemeis e Sever do Vouga, a comparecer no indicado dia, pela 1 hora da tarde, no edificio d'este Governo Civil, a fim de tomarem conhecimento das deliberações da Junta e apresentarem as reclamações que tiverem por convenientes, na certeza de que os que não comparecerem ou se fizerem representar, desistem por esse facto do direito de reclamação.

E para constar se passou o presente que será afixado nos concelhos d'este districto, e publicado nos termos do § 1.º do artigo 12 do citado decreto.

Dado e passado n'este Governo Civil d'Aveiro, sob sello do mesmo, aos 6 de março de 1911.

Rodrigo Rodrigues

Sociedade das Aguas da Curia

Convido os srs. accionistas a reunir em assembleia geral no domingo, 26 do corrente, na salla do estabelecimento thermal, pela 1 hora da tarde, afim de serem discutidos e votados:

1.º O relatorio e contas da gerencia do anno findo,

2.º O ordenado do medico e o regulamento das suas funcções no estabelecimento balnear.

Os livros e todos os documentos da escripturação acham-se patentes ao exame dos srs. accionistas na secretaria da Sociedade.

Curía, 4 de março de 1911.

O Presidente da Assembleia Geral

José Paulo Monteiro Cancella.

CASA DE PENHORES

Previnem-se os srs. mutuarios da casa de emprestimos sobre penhores para reformarem os seus emprestimos com mais de 3 mezes de juros em divida, até 20 de março proximo.

Aveiro, 25 de Fevereiro de 1911.

João Mendes da Costa.